CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DO FILÓSOFO EM NIETZSCHE

Gustavo Augusto da Silva Ferreira*

Resumo: Pretende-se aqui analisar o que Nietzsche compreendera por "filosofia". Não se trata de propor uma releitura de Nietzsche ou um olhar panorâmico sobre sua obra. Acreditamos que para a melhor compreensão do pensamento deste filósofo é de fundamental importância a introdução naquilo que o mesmo compreendera por *filosofia* e, dessa forma, torna-se também imprescindível a exposição do que o mesmo compreendera por *filósofo*, já que em Nietzsche esses conceitos não se separam, sendo a obra do filósofo a consequência de sua existência, e a existência deste, o reflexo de sua obra. Desse modo, trata-se aqui de expor traços significativos da concepção nietzscheana de filósofo. Desta sorte, após apresentarmos a noção de filósofo em Nietzsche, um ser que se põe como superior à cultura comum e suas origens de um modo geral, sabendo que Nietzsche é talvez e muito provavelmente o precursor do método genealógico, irá se questionar: o filósofo em Nietzsche representa o momento de abandono da genealogia?

Palavras-chave: Nietzsche, Filosofia, Filósofo, Genealogia.

Abstract: The intention here to analyze what Nietzsche understands by "philosophy". This is not to propose a new reading of Nietzsche or a panoramic look at his work. We believe that for a better understanding of the thought of this philosopher is of fundamental importance to introduce what it understood by philosophy and thus also becomes essential exposure than the same understood by philosopher since Nietzsche these concepts not separate, being the philosopher's work the consequence of its existence, and the existence of the reflection of his work. Thus, it is here to expose significant traces of the Nietzschean philosopher design. This sort, after presenting the philosopher's notion in Nietzsche, a being who stands as superior to common culture and its origins in general, knowing that Nietzsche is perhaps and most likely the precursor of the genealogical method, will be questioned: the philosopher Nietzsche is the time to abandon the genealogy?

Keywords: Nietzsche, Philosophy, Philosopher, Genealogy.

* Professor de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará – UECE; Mestre em filosofia pela mesma universidade (UECE); Graduado em Filosofia pela mesma universidade (UECE); Graduado em Teologia Pela Faculdade Kurius (FAK); E-mail: professorgustavoferreira@hotmail.com.br.

Considerações introdutórias

É plausível aqui fazer alusão ao pensamento nietzscheano iniciando com uma breve observação acerca do que Nietzsche considera na filosofia como algo que ele próprio repugna. A saber, os sistemas filosóficos, pois, a partir destes, pode-se ter uma visão mais ampla acerca da questão. Os sistemas filosóficos mostram-se como manifestações dos filósofos que os criam, estruturam e propagam de modo a propagar a si mesmos. A filosofia de cada filósofo reflete cada filósofo. O sistema filosófico de um pensador é a abertura prévia da possibilidade de conhecimento acerca do próprio pensador, não apenas de seu sistema, não apenas de seu pensamento, pois estes não subsistem isoladamente, sempre o que interessa é o homem. Nietzsche compara isso à vegetação ao solo: pela vegetação pode-se conhecer o solo, assim, pelo sistema filosófico de cada pensador, vê-se a sua visão sobre o mundo, que é, por conseguinte, o modo próprio do pensador existir, sua natureza, seu ser, o "grande homem". De um modo geral o sistema filosófico de um filósofo só faz sentido para ele ou para seus admiradores, para as pessoas que se identificam, mas não foram capazes de criar um sistema parecido, ou no máximo, faz sentido para aquelas opiniões equívocas que afirmam que um filósofo acertou e errou quase que ao mesmo tempo, que um pensador equivocou-se e também conseguiu em parte expor a verdade no interior de seu sistema. Diz Nietzsche:

> Os sistemas filosóficos são integralmente verdadeiros apenas aos olhos daqueles que os fundaram: a todos os filósofos ulteriores, eles consistem, em geral, num grande equívoco e, para as mentes mais enfraquecidas, numa soma de equívocos e verdades. Mas, considerados como o mais elevado objetivo, tais sistemas não passam, em todo caso, de um erro e, nessa medida, de algo reprovável. Por isso, muitos são os homens que reprovam tais filósofos, já que seu objetivo não é o mesmo que o deles; neste caso, trata-se daqueles que se acham mais distantes no tempo. (NIETZSCHE, 2009, p. 27).

E, ainda no mesmo parágrafo, continua dizendo que estes mesmos sistemas têm em si uma atmosfera pessoal (por isso o apego por parte de tais homens, seus criadores e admiradores):

> Em contrapartida, aqueles que em geral se regozijam com os grandes homens, também se alegram com tais sistemas, ainda que sejam equivocados de fio a pavio: afinal de contas, eles contém em si um ponto incontestável, a saber, uma atmosfera pessoal, uma coloração de que se pode lançar mão afim de obter a imagem do filósofo; assim como é possível inferir o tipo de solo a partir da vegetação em um

> determinado local. Em todo caso, a maneira de viver, bem como o modo de encarar as coisas humanas, já existiu e é, por conseguinte, possível: o "sistema" é a vegetação que cresce em tal solo, ou, ao menos, uma parte deste sistema. (NIETZSCHE, 2009, p. 27).

O reflexo disso, para Nietzsche, é o fato do completo emudecimento por parte da filosofia de cada autor após a sua morte. Temos a parte da filosofia de cada filósofo que foi vista de bom grado ou por interesse de seus discípulos, interpretes, e até mesmo adversários. Para Nietzsche, todo sistema que é ou pode ser refutado, aponta sempre para o seu autor, e por isso deve-se sempre interessar-nos o que há de mais pessoal, pois isto, para ele, é o eternamente irrefutável.

> (...) em cada filósofo, aludiu-se apenas um ínfimo número de suas doutrinas, quer dizer: operou-se com sua incompletude. Optou-se, no entanto, por aquelas doutrinas que ressoa com mais intensidade o que há de pessoal num filósofo, ao passo que uma enumeração completa de todas as proposições possíveis que nos foram deixadas, tal como é de praxe nos manuais, só traz, em todo caso, uma coisa à baila, a saber, o completo emudecimento diante do que há de pessoal. Eis porque aqueles relatos terminam por se tornar tão tediosos: pois, em sistemas que foram refutados, apenas o que há de pessoal pode interessar-nos, haja vista ser isto o eternamente irrefutável. (NIETZSCHE, 2009, p. 29).

Talvez tenhamos aprendido isto com Nietzsche, quer dizer, é óbvio que o que comumente chamamos de "método contextualista", ou seja, aquele método de abordagem que comunga vida e obra de cada autor, que lê e interpreta a riqueza filosófica de cada filósofo a partir de seu contexto, situação e experiências - portanto, *tópico* e *temporal* -, não nos foi passado por Nietzsche, mas, ao que parece, a indispensabilidade de tal método em inúmeros momentos e pesquisas do século passado e do presente século, de tal propedêutica, - antecipações opacas do *estruturalismo* – fruto dos primórdios do método genealógico, somente passou a ser supervalorizada na história do pensamento ocidental após Nietzsche e sua filosofia, portanto, após Nietzsche, após sua existência. Mas afinal, o que seria exatamente a filosofia para Nietzsche? Ou melhor, o que seria o filósofo?

Filósofo e Filosofia para Nietzsche

Em Nietzsche, a enorme problemática inerente à questão da conceituação de filosofia e principalmente de filósofo (enquanto gênio filosófico) é sempre de caráter genealógico e estrutural no sentido da formação, no sentido do surgimento, no sentido da origem do gênio filosófico. No qual ele acreditava ter a cultura importância no que tange tal análise, mas, mesmo assim, esta parece para ele não ter um lugar acertado e, graças a isso, a genealogia nietzscheana, no que tange ao filósofo, torna-se algo de difícil compreensão. A cultura tem como finalidade a produção do gênio, e assim o faz, mas este sempre a estranha e está para além dela, ao contrário do sábio. É válido, neste contexto relativo à cultura enquanto formação, aludirmos à ideia que Nietzsche fazia do conceito de sábio, este tão valorizado na antiguidade, mas objeto de crítica em Nietzsche. Num pequeno trecho de *Schopenhauer Educador*, em sua fala sobre a formação do gênio, ele diz que:

> Não terminei ainda a conta de todas as potências que patrocinam a cultura sem reconhecer sua finalidade, que é a produção do gênio. Mencionei três delas: o egoísmo dos negócios, o egoísmo do estado e o egoísmo de todos aqueles que têm razões para disfarçar e se abrigar sob uma "forma". Em quarto lugar mencionaria o egoísmo do saber e o caráter singular de seus servidores, os sábios. (NIETZSCHE, 2008, p. 76).

Contudo, existe uma diferenciação sutil, porém considerável, entre o sábio e o filósofo. E não obstante, o sábio para Nietzsche é de uma singularidade profunda. Nietzsche afirma que a formulação do sábio é a seguinte:

> O sábio se compõe de uma rede emaranhada de instintos e de impulsos muito variados, é um metal impuro por excelência. Tome-se uma curiosidade intensa e incessantemente intensificada, o gosto das aventuras do conhecimento, a força constantemente excitada do novo e do raro, em oposição ao velho e ao aborrecedor; acrescenta-se a isso certo instinto dialético da pesquisa e do jogo, o prazer que tem o pensador em seguir a pista emaranhada do pensamento, o gosto menos da verdade do que da busca, onde o prazer consiste especialmente em vagar, perseguir, matar segundo as regras da arte; acrescenta-se a isso o instinto da contradição: a personalidade chega a se sentir e a se fazer em oposição a todas as outras, a luta se torna um prazer e a vitória pessoal se torna seu objetivo, quando a luta pela verdade não passa de pretexto. Outro instinto ainda é largamente conferido ao sábio: o de descobrir de preferência certas "verdades", como servidão para com certas pessoas, certas opiniões, castas, igrejas e governos estabelecidos, porque sente que lhe é útil colocar a verdade ao lado dessas potencias. (NIETZSCHE, 2008, pp. 77/78).

E, como o leitor mais atento já deve ter notado, existe também a diferenciação notável na filosofia nietzscheana acerca do sábio e do gênio, este último como quase propedêutico ao conceito de filósofo em certos momentos do pensamento de Nietzsche, pois o gênio, em Nietzsche, pode-se dizer, é referido tanto ao artista quanto ao filósofo. Contudo, mesmo com a preponderante e considerável postura, existência, atividade e pensamento do sábio, o que realmente importa para Nietzsche é o gênio. O gênio é antagônico ao sábio. O sábio repudia o gênio e o gênio, no simples fato de existir, confronta o sábio direta ou indiretamente. Considerando que os dois são de naturezas distintas, espíritos contrários e intenções antagônicas, Nietzsche diz que:

> (...) desde sempre gênios e sábios foram inimigos. Estes últimos, com efeito, pretendem matar a natureza, dissecá-la e compreendê-la; os primeiros querem aumentar a natureza, acrescentando-lhe uma segunda natureza, nova e viva, o que cria um conflito de opiniões e atividades. (NIETZSCHE, 2008, p. 83).

É claro que apesar do caráter *extemporâneo* autoproclamado da filosofia de Nietzsche, este, tal como Kant e os demais *filósofos ilustres*, também é um filósofo de seu tempo – se não "de" seu tempo, pelo menos "no" seu tempo – um pensador "gerado" também pela cultura, como ele mesmo acreditava (na qualidade de filósofo genealogista), mas o cria com sérias ressalvas com relação a isto. Contudo, o olhar que se volta para essa cultura, para essa época, no que concerne à formação e à possibilidade do surgimento do gênio, torna-se relativamente negativo. E deste modo, em Nietzsche, por mais que "o pensador", "o gênio", "o filósofo" seja um fruto de seu tempo, ele está sempre à frente do mesmo e, muitas vezes, seu tempo e cultura lhe parecem estranhos, repugnantes, e às vezes, até, ele se sente como que enojado, com repudio ao que o cerca.

> Nossa época é sadia ou doente? Quem seria suficientemente médico para decidir a respeito? É certo que mesmo hoje, em numerosos domínios, se concede demasiada estima ao sábio, o que é prejudicial particularmente ao surgimento do gênio. O sábio é insensível à angústia do gênio, fala com uma voz estridente e glacial, sem levar em conta o gênio, e está sempre pronto a dar de ombros como diante de um objeto esquisito e bizarro, do qual não tem nem tempo nem gosto para se ocupar. Não tem tampouco ideia alguma do que seja cultura. (NIETZSCHE, 2008, p. 83).

Para Nietzsche, o sábio e a cultura, no contexto contemporâneo à análise nietzscheana, atrasam o possível surgimento do gênio. Mesmo que de forma singular, mesmo que ambos

tenham uma fagulha de brilhantismo e declínio. Segundo Nietzsche, a condição epocal desfavorável para o surgimento do gênio não é algo de agora, contudo, ao contrário do que se pensa comumente, a modernidade não melhorou as condições de surgimento do gênio, ao contrário:

> (...) as condições necessárias para o surgimento do gênio não melhoraram nos tempos modernos e o ressentimento no recinto dos espíritos originais cresceu em tais proporções que Sócrates não teria podido viver entre nós, em qualquer caso, não até os setenta anos. (NIETZSCHE, 2008, p. 84).

A questão levantada por Nietzsche a todo o momento parece apontar para a pergunta acerca do valor e origem do pensador, do filósofo, do que ele num primeiro momento chama de gênio. Ao que parece, mesmo contando com a cultura e mesmo esta tendo como meta a produção do gênio, não mais é possível a esta atingir tal objetivo, seu declínio atingiu níveis decrépitos, mas o gênio ainda subsiste mesmo a cultura não dando mais conta, qual a sua origem, nesse caso? Para Nietzsche, tratando-se do filósofo não somente no caso hodierno mas também, de um modo geral, extemporâneo, é válido dizer que o filosofo é apenas imerso e localizado no tempo-espaço, na cultura, na época, mas o mesmo é uma criação cega, defeituosa e genial da natureza, um tiro que a natureza disparou no escuro, uma criação esplêndida e impensada, uma prova da insanidade criadora da natureza que o faz assim como faz o genuíno artista. O filósofo deve ser formado e educado por filósofos. O filósofo é uma potência sem utilidade, assim como o artista, ele é uma obra da natureza que encontra utilidade ou de alguma forma se faz útil, mas que não contém utilidade prescrita pela própria força criadora natural.

> (...) o que deveríamos presentemente desejar e eventualmente proporcionar ao filósofo em formação, a fim de que tenha a possibilidade de respirar e possa, no caso mais favorável, desfrutar das condições de existência, não fáceis, mas toleráveis pelo menos, como foram as de Schopenhauer? O que deveríamos, além disso, inventar para lhe facilitar a ação sobre seus contemporâneos? E que obstáculos deveríamos afastar de seu caminho para que seu exemplo obtenha antes de tudo sua plena eficiência, para que o filósofo chegue a novamente educar os filósofos? Penetramos aqui num campo prático e escabroso.A natureza se propõe sempre a utilidade geral, mas ela não sabe encontrar os melhores e mais hábeis meios e os procedimentos; essa é a grande dor, a razão de sua melancolia. Que ao produzir filósofos e artistas ela procure tornar a existência inteligível e significativa para o homem é certo, porquanto ela própria aspira à sua própria redenção. Mas quanta incerteza, fraqueza e insignificância no

> efeito que ela produz por meio dos filósofos e dos artistas! Como é raro até que consiga algum efeito! É especialmente com relação ao filósofo que seu embaraço é grande, quando quer fazê-lo servir ao interesse geral. Os meios que ela emprega parecem tantos outros tateios, caprichos extravagantes e muitas vezes sua intenção se demonstra estéril e a maioria dos filósofos se torna inútil para a comunidade. O procedimento da natureza se assemelha à dissipação, mas não é a dissipação de que se ela fosse um ser humano, não deixaria de irritar contra si mesma e contra sua inabilidade. A natureza lança o filósofo no meio dos homens como se atira uma flecha, sem mirar; mas ela espera que a flecha irá atingir algum alvo. (NIETZSCHE, 2008, pp. 87/88).

Nietzsche é unânime quanto à afirmativa da estranha ausência de utilidade específica na produção excêntrica do filósofo e do artista por parte da natureza, no meio dos homens, no centro da cultura e da civilização, como assim são lançados. "Ainda bem que a natureza não é um ser humano", deveria pensar Nietzsche, de maneira tão cômica quanto irônica. Ele continua a sua afirmativa acerca da produção do filósofo e do artista por parte da natureza, dizendo que:

> O artista e o filósofo dão testemunho contra o senso prático da natureza na escolha de seus meios, embora sejam a prova por excelência da sabedoria de seus fins. Só atingem alguns homens, quando deveriam atingir a todos, e mesmo esse reduzido número, não o atingem com a força que puseram no arremesso de seu projétil. (NIETZSCHE, 2008, p. 88).

Não é por acaso que com demasiada frequência nos deparamos com a existência intrépida e aparentemente angustiante de determinados gênios: artistas e filósofos. "Muitas vezes parece que um artista, e com maior razão um filósofo, viva por acaso em sua época como solitário ou como viajante perdido ou atrasado." (NIETZSCHE, 2008, p. 89).

No entanto, as resistências inerentes ao meio, ao tempo, à cultura, são sempre uma motivação e um espaço propício para o surgimento do mesmo, para o florescer das filosofias, para o desabrochar do filosofar: para as condições de possibilidade do gênio, basta a ausência de condições propícias para o sábio, basta o caos, basta a natureza, pois "(...) as próprias resistências entravam a ação de uma grande filosofia e a produção de um grande filósofo." (NIETZSCHE, 2008, p. 90). O filósofo tem a personalidade rude e perspicaz, o pensamento agressivo e audacioso, por isso "(...) a primeira coisa de que tem necessidade o filósofo: uma virilidade inflexível e rude." (NIETZSCHE, 2008, pp. 91/92).

Na concepção nietzscheana, o conceito de cultura alude, entre outras coisas, à política, à vida política, ao vigor político. E para ele o filósofo é contrário a tal persuasão, é contrário a tal empreendimento. A política não faz parte do furor filosófico, ao contrario, onde habita um, ali não habita o outro[1]. Nietzsche é claro em afirmar que:

> De fato, todo aquele que tiver o *furor philosophicus* no corpo não terá mais tempo para o *furor politicus* e se absterá sabiamente de ler o jornal todos os dias e especialmente militar num partido, embora não se deva hesitar um instante para tomar seu lugar na hierarquia (...). (NIETZSCHE, 2008, p. 92).[2]

Fica evidenciado aqui, como que para Nietzsche o filósofo e a civilização são distantes um do outro, como que "filósofo" e "convenção social (convenção social no sentido de um conformismo mórbido da moral e um estranho entranhamento dos costumes e valores que penetram em nosso ser desnecessariamente, mas habitualmente e frequentemente)" são antagônicos, como "filosofia" e "política (política no sentido mais vulgar e usual do termo: política no sentido de relações entre cargos públicos comissionados, indicados, eleitos, votados de maneira indireta ou direta, política no sentido comum da expressão)", "espírito filosófico" e "espírito político" são distintos e heterogêneos. E esse é um dos principais fatores inerente à diferenciação nietzscheana entre o sábio e o filósofo, na qual se mostra porque o sábio jamais será um filósofo. Nietzsche, fazendo essa diferenciação e na mesma ocasião criticando Kant, diz que:

> Um sábio nunca se tornará um filósofo. O próprio Kant não conseguiu chegar a isso, mas permaneceu até seu fim e apesar do impulso de seu gênio, no estado da crisálida. Se alguém achar que ao usar essa expressão estou ofendendo Kant, é porque ignora que o filósofo deve ser não somente um grande pensador, mas também um homem no sentido pleno da palavra. E já se viu alguma vez um sábio tornar-se verdadeiramente um homem? Aquele que deixa interpor-se entre as

[1] Política aqui, é válido esclarecer, não tem relação alguma com a noção de política enquanto conflito, embate, exteriorização de potências, "grande política", etc. Política aqui tem sua significação na cultura, na rotina normatizada, social e cultural do modo de vida vigente entre os homens comuns e os sábios.

[2] Com relação ao filósofo não ler jornal e não se filiar a partido político algum, talvez possamos identificar aqui uma referência e ironia indiretas ao pensamento de Hegel e Marx, o primeiro sendo o opositor de Schopenhauer (filósofo tratado na obra supracitada e admirado por Nietzsche), o segundo, talvez possamos dizer, opositor contemporâneo do próprio Nietzsche; o primeiro, como podemos constatar em algumas biografias (cf. http://biografiaecuriosidade.blogspot.com.br/2012/08/biografia-de-georg-wilhelm-friedrich.html), não deixava de ler (e até corrigir) os jornais todas as manhãs, o segundo, ainda em idade tenra se filiou ao Partido Comunista.

> coisas, as noções, opiniões, épocas, pensamentos, livros, aquele que no sentido mais amplo da palavra nasceu para ser historiador, nunca vai parecer ver as coisas pela primeira vez e nunca será ele um desses fenômenos que vemos pela primeira vez. Ora, as duas coisas são necessárias, solidariamente, ao filósofo, porque deve tirar de si a maior parte do que aprende e porque deve encontrar em si a imagem e o resumo do universo. Aquele que se vê a ele próprio por meio da opinião dos outros, não é surpreendente que só perceba em si opiniões estranhas. E é assim que os sábios são, vivem e vêem. (NIETZSCHE, 2008, p. 92).[3]

É sempre o que se pode obter de um sábio, o completo oposto do fator qualitativo de um gênio, de um filósofo, de um genuíno artista. O filósofo é tangido por si mesmo para si, o sábio por e para os outros e as coisas. O filósofo é estranho ao que lhe cerca, o sábio se vê como parte integrante do que está a sua volta.

O sábio vive numa prisão que o mesmo intitula liberdade, ele na verdade é a própria prisão de si. Contudo, o filósofo é estranho a tudo aquilo que não é ele mesmo e que não causa para si a identificação singular, individual, pessoal e quase egoística de si mesmo consigo mesmo e para si mesmo, ele não se força a ser, ele simplesmente é. O filósofo é detentor daquilo que se é; em suma: Liberdade, liberdade e mais liberdade.

> (...) algumas das condições que tornam possível o surgimento do gênio filosófico em nossa época, a despeito das deploráveis influências contrárias: liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, uma educação que não tenha por objetivo preparar um sábio, a ausência de toda estreiteza patriótica, de toda obrigação de ganhar seu pão, a independência com relação ao Estado – em resumo, liberdade e mais liberdade, atmosfera maravilhosa e perigosa, na qual os gregos tiveram a felicidade de crescer. (...) Outros verão nessa grande liberdade uma grande insolência – terão razão também, pois, nada poderiam fazer de bom, quanto a eles, com essa liberdade e se mostrariam realmente presunçosos ao reivindicá-la. Essa liberdade é, com efeito, uma falta grave que não pode ser expiada senão por grandes ações. (NIETZSCHE, 2008, p. 93).

A propensão da crítica e definição filosófica de Nietzsche com relação à noção de filósofo é de caráter inigualável no interior do pensamento ocidental. A sua crítica à possível profissão ou função do "filósofo" se estende desde o início da modernidade até nossos dias. Neste aspecto, Nietzsche se torna nosso contemporâneo, se torna crítico da tradição filosófica, de seu tempo e do complexo momento histórico-filosófico que estamos vivenciando no que

[3] Sobre o debate Nietzsche x Kant e maior aprofundamento da crítica de Nietzsche a Kant, remeto o leitor a GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche x Kant*. Editora Casa da Palavra, Casa do Saber 2012. São Paulo – SP.

concerne ao seu entendimento sobre o conceito de filósofo. Afirmo isso com base no que foi até aqui dito e também na seguinte afirmação de Nietzsche:

> A história erudita do passado nunca foi objeto do verdadeiro filósofo, nem na Índia nem na Grécia; e um professor de filosofia, se encarregando desse trabalho, é obrigado a suportar que dele se diga quando muito: "é um bom filólogo, um bom arqueólogo, um bom linguista, um bom historiador", mas nunca "é um bom filósofo". (NIETZSCHE, 2008, p. 100).

E a sua crítica filosófica aos filósofos de nosso tempo e os do seu próprio não cessa, pois tem sido lamentável a ausência do espírito filosófico naqueles que têm como ofício, pelo menos publicamente, a filosofia: "É fora de dúvida que encontramos agora mais lógica, prudência, modéstia, espírito inventivo, em resumo, mais espírito filosófico nos sábios das outras disciplinas do que nos que se dizem filósofos (...)." (NIETZSCHE, 2008, p. 104). Nietzsche diz também que "(...) é fácil desembaraçar-se dos falsos filósofos, basta deixar de protegê-los." (NIETZSCHE, 2008, p. 106.).

Sim! Ao falar do filósofo Nietzsche fala de si. Ao defini-lo como matéria explosiva, Nietzsche fala de seus escritos críticos e impiedosos. Nietzsche ironiza e ataca de inúmeras formas a classe daqueles que se dizem filósofos, ataca a classe pedante que acredita ser a portadora da verdade e a detentora da sabedoria, dentre as quais, dos inúmeros ataques, cito um:

> (...) não há nada pior nem mais insignificante na natureza que, graças a um pequenino sopro desta força de conhecer, fica tão inflado quanto um odre; e igual a todo carregador de fretes que quer ter o seu admirador, assim o homem mais soberbo, o filósofo, entende, que de todas as partes os olhos do universo estão apontados com um telescópio sobre sua ação e sobre seu pensamento. (NIETZSCHE, 2006, p. 64).

Nietzsche diz que "Somente aquele que pudesse considerar o mundo inteiro como aparência estaria em condição de encará-lo sem desejo e sem instinto: o artista e o filósofo." (NIETZSCHE, 2006, p. 84). A crença no ser sensível que concebe o mundo como aparência interpretada pelo ser que não busca a verdade, mas que sente o mundo enquanto tal, é a propriedade do filósofo; aquele que vê, aquele que sente, aquele que é: eis o filósofo.

Devemos observar de forma honesta o pensamento de Nietzsche. Ele acreditava que a filosofia de um pensador era o reflexo do mesmo em atitude intelectual e que,

principalmente, estes, na grande maioria das vezes mostravam-se como decadentes. Decadentes, sim: justamente por muitos destes renegarem a vida e dedicarem-se a algo que na narrativa de Nietzsche se mostra como infrutífero e irreal. Uma filosofia que nega a vida em detrimento de qualquer outra coisa que não seja o prazer em viver, o regozijo com a própria vida, não é filosofia, é o reflexo decadente do fim da vida de um homem que se aspira como filósofo, asceta etc. Estes sábios (que são chamados ou autointitulados sábios, ou até mesmo filósofos) são a expressão do que os mesmos chamam de sabedoria, e não de vida. Observemos que a maioria dos grandes filósofos, ao mostrarem-se como filósofos ou serem agraciados com este título, já estavam quase sempre velhos e debilitados, rabugentos e moribundos, o corpo já estava definhando, logo, a única aposta seria a alma, o espírito. A alma, o espírito? Ilusão! Blasfêmia contra a vida, contra si. Eis o que nos diz o filósofo Nietzsche:

> (...) esses mais sábios de todos os tempos, é preciso antes observá-los de perto, talvez todos eles já não estivessem sem firmeza nas pernas? Fossem tardios? *Decadents* (decadentes)? Talvez a sabedoria apareça na Terra como um corvo, que se entusiasma com o ligeiro odor de cadáver?... (NIETZSCHE, 2006, p. 17).

E continua seu ataque e ironia logo em seguida:

> (...) esses mais sábios dos homens, em alguma coisa coincidiam fisiologicamente, para situar-se – ter de situar-se – negativamente perante a vida. Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas como sintomas – em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finese* (finura), a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. – que um filósofo enxergue no valor da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não sabedoria. – Como? Todos estes grandes sábios – eles não teriam sido apenas *decadents* (decadentes), não teriam sido nem mesmo sábios? (NIETZSCHE, 2006, p. 18).

Nietzsche vê qualquer possibilidade de estruturação de uma valoração da vida como uma moral, e qualquer tentativa de estruturação de uma moral como sendo moral, ou seja, a moralidade do sujeito que engendra uma moral e/ou valoração sobre a vida já está desferindo

o seu veneno de moralista, de falso filósofo, enganando a si e aos outros, brincando de fazer filosofia, tentando livrar-se da sua própria condição decadente ao declarar-lhe uma guerra, ao travar-lhe uma batalha no momento em que valora a vida. O mesmo valora a vida por sentir a morte, por percebê-la, parece-nos que, segundo Nietzsche, é nessa decadência que se encontram a sabedoria, a valoração, o juízo moral, seus sintomas, os moralistas. Essa atitude é uma forma de enganar a si mesmo, como ele nos conta:

> Os filósofos[4] e moralistas enganam a si mesmos, crendo sair da decadência ao fazer-lhes guerra. Sair dela está fora de suas forças: o que elegem como meio, como situação, é apenas mais uma expressão da *décadence* – eles mudam sua expressão, mas não a eliminam. Sócrates foi um mal-entendido... a mais crua luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença – e de modo algum um caminho de volta à virtude, à saúde, à felicidade... ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida ascende, felicidade é igual a instinto. (NIETZSCHE, 2006, p. 22).

Nesta perspectiva, o mundo ideal, verdadeiro, a ideia ideal, verdadeira, a real felicidade, a moral tal como deve ser, fundamentada e racionalmente elucidada, é nada mais que o ideal de quem a formula, do seu criador. Esse ideal só é alcançável pelo sábio, só ele o vê, só ele o descreve, somente ele o vislumbra e tem não somente o seu domínio como também o exclusivismo por parte do mesmo, da ideia, da perfeição, o domínio do inalcançável.

> O mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso – ele vive nele, ele é ele. (...) O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuosos ('para o pecador que faz penitência'). (...) O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo. (NIETZSCHE, 2006, p. 31).

A ideia de mundo inalcançável, ideal, desconhecido, é não somente refutável como também obrigatoriamente descartável para Nietzsche. Este mundo, este tal mundo, nem mesmo conhecemos, por isso nada o devemos. Já é chegada a hora de nos livrarmos deste consolo dos sábios, imposto por homens decadentes que desafiaram a decadência por ódio à mesma e repulsa a vida:

[4] Lembremos que aqui, como em algumas das citações precedentes, Nietzsche refere-se aos "filósofos" não como filósofos realmente, não como aqueles que Nietzsche considerava serem verdadeiramente filósofos, quer dizer, os gênios, mas sim, como foi citado acima, como decadentes, os sábios, os moralistas e seus sintomas.

> O mundo verdadeiro – alcançável? De todo modo inalcançável. E, enquanto não alcançado, também desconhecido. Logo, tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?... (...) O "mundo verdadeiro" – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada-, ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la. (NIETZSCHE, 2006, p. 32).

O homem perdeu-se de si, o homem degenerou seus próprios instintos e entrou numa cadeia de erros, numa cadeia decadente. A história da filosofia, tal como se apresenta, é a história dos erros, da imposição racionalista da vontade sobre a degeneração da mesma, e isso para Nietzsche é totalmente negativo, ruim, indesejável. Aliás, isso gera o negativo, ruim, indesejável:

> Cada erro é consequência da degeneração do instinto, da desagregação da vontade: com isso praticamente se define o ruim. Tudo bom é instinto – e, portanto, leve, necessário, livre. O esforço é uma objeção, o Deus se diferencia tipicamente do herói (...). (NIETZSCHE, 2006, pp. 40/41).

Mas, contudo, mesmo sendo uma atitude intrepidamente indevida, esse ato de criar ou remeter qualquer coisa que seja a uma realidade superior, desconhecida, irreal e ideal, é uma atitude relativamente justificada. Esta atitude de autoilusão, de fantasia, não somente alivia as dores e tensões de uma existência infeliz e angustiada, como também dá ao "sábio", ao "devoto", ao moralista, uma sensação de poder, e essa mesma sensação tende a efetivar-se e contaminar a todos os que estão perto dele, perto do sábio moralista.[5] Espalha-se como uma doença letal sem pudor e sempre com total repugnância à vida, aos sentidos, aos instintos. A tudo que é necessariamente bom e agradável em detrimento da "verdade" imposta e exposta pelo sábio.

> Fazer remontar algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e, além disso, proporciona um sentimento de poder. (...) Primeiro princípio: alguma explicação é melhor que nenhuma. Tratando-se, no fundo, apenas de um querer livrar-se delas: a primeira ideia mediante a qual o desconhecido se declara conhecido faz tão bem que é "tida por verdadeira." Prova do prazer (da "força") como critério da verdade (...). (NIETZSCHE, 2006, p. 43).

[5] Já tratamos do problema da moral sob o viés genealógico em Nietzsche e o problema do ascetismo segundo este noutra ocasião, por isso não nos adentraremos mais nesse assunto no presente escrito. Acerca disso, remeto o leitor a: FERREIRA, G. A. S.. *Para uma introdução da crítica genealógica da moral em Nietzsche.* Revista Lampejo, v.1, 2013. pp. 54 - 65.

Funciona como ópio para alguns e êxtase para outros. De toda forma, mostra-se como deturpação.

Como já foi brevemente aludido, o homem se traduz em suas teorias e constatações, o filósofo, este se mostra em seu filosofar, em seu pensamento e trato com

"o real". Nietzsche explica que todas essas suposições e criações do irreal são traduções do indivíduo. E em justa partida, estas são também manifestações fisiológicas, sintomas, tanto no caso dos homens comuns quanto no caso dos sábios-filósofos:

> Na verdade, todas estas supostas explicações são estados resultantes e, por assim dizer, traduções de sentimentos de prazer ou desprazer em um falso dialeto: pode-se ter esperança porque o sentimento fisiológico básico está novamente rico e forte; confia-se em deus porque o sentimento de força e plenitude dá tranquilidade. – a moral e a religião inscrevem-se inteiramente na psicologia do erro: em cada caso são confundidos efeitos e causas; ou a verdade é confundida com o efeito do que é verdadeiro; ou um estado da consciência, com a causalidade desse estado. (NIETZSCHE, 2006, p. 45).

Tudo isso é consequência de se querer responsabilizar algo ou alguém pela própria existência, isto sempre em detrimento de algum fator fisiológico. Ninguém é responsável por existir, segundo Nietzsche. Isso fica claro particularmente em duas obras: *Crepúsculo dos ídolos*[6] e em *Humano demasiado Humano* (na fábula da liberdade inteligível). Em ambas, Nietzsche dá o mesmo tratamento à questão da responsabilidade. Nas palavras do autor:

> Ninguém é responsável pelo fato de existir, por ser assim ou assado, por se achar nessas circunstâncias, nesse ambiente. A fatalidade de seu ser não pode ser destrinchada da fatalidade de tudo que foi e será. (...) é absurdo querer empurrar o seu ser para uma finalidade qualquer. (NIETZSCHE, 2006, p. 46).

Nietzsche mostra-se aqui como um genuíno filósofo da imanência – herdeiro de Spinoza, Schopenhauer e Feuerbach – e como um grande niilista. A finalidade em si não existe, afirma ele, nós a inventamos, é somente um conceito inerente à nossa razão, pensamento e sentimentos que, por sua vez, são tangidos pelos sentidos e instintos, pelo estado fisiológico do individuo:

> Nós é que inventamos o conceito de "finalidade": na verdade não se encontra finalidade... cada um é necessário, é um pedaço do destino, pertence ao todo, está no todo – não há nada que possa julgar, medir,

[6] Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Editora Companhia das Letras, 2006. São Paulo – SP. p. 46-47.

> comparar, condenar nosso ser, pois isto significa julgar, medir, comparar, condenar o todo... mas não existe nada fora do todo! – o fato de que ninguém mais é feito responsável, de que o modo do ser não pode ser remontado a uma causa prima, de que o mundo não é mais uma unidade nem como *sensorium* nem como espírito, apenas isto é a grande libertação – somente com isso é estabelecida novamente a inocência do vir-a-ser... o conceito de "deus" foi até agora a maior objeção da existência... nós negamos deus: apenas assim redimimos o mundo. (NIETZSCHE, 2006, p. 47).

É aqui mostrado tudo como contingente, tudo como imanência, e ao mesmo tempo, tudo como necessário. Pode parecer uma ideia contraditória em primeira instância, porém, se observada mais cuidadosamente, nota-se que a proposta nietzscheana remonta a uma ausência de sentido para destruir a deturpada, constituída e vigente ideia de sentido, logo em seguida, o mesmo remonta a um sentido que se dá na falta de sentido, o sentido não é mais busca, mas sim, ser o que se é, o ser sendo é o sentido do todo, o todo é o sentido do ser, do ser sendo, do ser que é enquanto imanência, uma inversão que leva à imanência, e por conseguinte, à inocência. Não mais se busca o sentido, o sentido agora se vive; ele é vivo, ele é vida.

Não fizemos esse excurso por sobre a questão da moral, da decadência e do sentido em vão, há nisto um propósito para a compreensão da filosofia em Nietzsche. Nietzsche, em uma das obras de sua maturidade, a saber, *Ecce Homo*, após ter compreendido profundamente a cultura, o sábio e seus malefícios ao gênio filosófico, nos dá uma definição no mínimo distinta e profunda do que ele mesmo compreende por filosofia no que tange à sua experiência e conhecimento acerca da mesma. Nesta obra, o posicionamento nietzscheano está fortificado e amadurecido, é nela que ele explicita o resumo filosófico autobiográfico de seus escritos e pensamento. Aqui se pode dizer algo conciso sobre o pensamento do filósofo Nietzsche. Acerca do conceito de filosofia ele diz:

> A filosofia, tal como a compreendi e a vivi até agora, é vida voluntária no meio do gelo e das altas montanhas - é a busca de tudo o que é estranho e duvidoso na existência, de tudo o que foi até agora proscrito pela moral. A longa experiência proporcionada por esse caminhar no proibido me ensinou a contemplar tudo de forma completamente diferente do que se poderia pensar as razões pelas quais até agora se moralizou e se idealizou: a história oculta dos filósofos, a psicologia de seus grandes nomes se revelou para mim. (NIETZSCHE, 2006, p. 16).

A novidade filosófica principal que se dá no âmbito da conceituação do filósofo em Nietzsche, que rompe com todo ideal próprio da tradição é o fato de ele elevar ao máximo a

corporeidade, o corpo, os sentidos, mas até do que os seus notáveis predecessores (Schopenhauer, Feuerbach, Leopardi e Spinoza). A forma como se pensa é consequência da forma como se sente. Conceitos como "alma" e "espírito" não são partes do individuo: o indivíduo é seu corpo, nada mais. A corporeidade é o fator do pensamento, o pensar é um sentir, e o filósofo é um corpo diferenciado. O pensamento (assim como o sentimento) é diretamente determinado pelo bem ou mal estar.

> Uma certa inércia, por menos que seja, dos intestinos, convertida num mal habito, basta para fazer de um gênio algo medíocre, algo alemão; o clima alemão basta, por si só, para debilitar vísceras robustas e inclusive predispostas ao heroísmo. O ritmo do metabolismo está em estrita relação com a agilidade ou o peso dos pés do espírito; o próprio "espírito" nada mais é que uma forma do metabolismo. (...) o gênio tem por condição o ar seco, o céu puro – ou seja, um metabolismo rápido, a possibilidade de renovar sempre grandes quantidades de energia. (NIETZSCHE, 2006, p. 39).

Nietzsche acreditava que a alimentação, o clima e a solidão, quando adequados, eram a fórmula perfeita das condições de pensamento e atividade do filósofo, era daí que surgia o filosofar, era daí que surgia a filosofia. "Deve-se evitar", ele dizia, "o máximo possível o acaso, o estimulo externo; fechar-se entre muros de alguma forma da elementar sabedoria instintiva, da gestação intelectual." (NIETZSCHE, 2006, p. 41). O filósofo, cria Nietzsche, é coisa própria, ser que retira a filosofia de si ou da natureza, não de livros, de pensadores.

Nietzsche acreditava que todo idealismo, toda noção que despreza ou menospreza o corpo em prol de qualquer outra coisa que não seja o mesmo, que não seja o próprio corpo, que não seja egoísmo, é mentira: "(...) todo idealismo é mentira diante da necessidade." (NIETZSCHE, 2006, p. 53). Nietzsche eleva o corpo para desprezar a alma, eleva o real para desprezar o supérfluo e fictício-ideal. O cuidado com o corpo é o cuidado consigo mesmo, é o cuidado com o pensamento: é com o autocuidado de si, com o "pôr-se em primeiro lugar", o tratar-se como primazia que se eleva a si e consequentemente o pensamento; e o filósofo percebe isso e assim o faz.

Nietzsche vê o filósofo como uma bomba prestes a explodir, como matéria explosiva, e assim, mais uma vez ataca Kant de forma direta e ferrenha, e abre-nos o jogo sobre os seus escritos, onde quem sempre era descrito ou estava em jogo, era o seu ser, a sua existência, a sua filosofia, o filósofo Nietzsche; este, referindo-se à sua obra *Schopenhauer Educador* diz:

> O filósofo tal como o entendo, é como uma terrível matéria explosiva, diante do qual tudo está em perigo, como separo com uma distancia de mil léguas do meu conceito de "filósofo" de um conceito que até mesmo Kant mantém ainda, para não falar dos ruminantes acadêmicos e de outros professores de filosofia: são coisas sobre a qual esse escrito oferece um ensinamento apreciável, mesmo que se admita que aquele que se exprime não é, no fundo, *Schopenhauer como educador*, mas sua antítese, *Nietzsche como educador*. (NIETZSCHE, 2006, p. 75).[7]

Nietzsche como educador: eis algo que qualquer filosofante não ousaria admitir. Nietzsche declara-se aqui, nesta perspectiva, como antípoda não somente do imperativo categórico kantiano, mas também, até mesmo de seu grande mestre, Schopenhauer.

Considerações finais

Como se pôde observar no decorrer da presente pesquisa, houve e há ainda muito a se dizer sobre o conceito de filosofia para Nietzsche. Creio que pudemos perceber e salientar a contribuição esclarecedora que a compreensão do conceito de "filósofo" pode nos dar para compreendermos o conceito de "filosofia" para cada pensador, não somente Nietzsche, apesar da conceituação deste ser aqui o nosso alvo. Mas o mais importante é que pudemos perceber a relevância da conceituação prévia de filosofia no filosofar de deste gigante do pensamento ocidental. Não obstante, a compreensão do conceito de filosofia para cada pensador, segundo acreditamos que ficou relativamente bem explicitado no presente escrito, funciona como prólogo da compreensão prévia do pensamento de todo e qualquer pensador de notável envergadura, principalmente no que é concernente aos próprios filósofos. Entender ou compreender o que cada pensador enxerga como sendo *a filosofia* é sempre interessante, pois, a compreensão de tal propedêutica abre-nos um horizonte mais amplo para o primado do princípio da compreensão do pensamento filosófico de um filósofo como um todo.

[7] Sobre a solidão como condição para a formação do filósofo e sobre os "ruminantes acadêmicos e professores de filosofia", dentre outros momentos do pensamento nietzscheano, mas estes aqui em particular, nota-se a direta influência de Schopenhauer. Por isso, sobre a os ruminantes e a filosofia acadêmica remeto o leitor a SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária.* Editora Martins Fontes, tradução de M. L. Cacciola e Márcio Suzuki, 1ª Ed, São Paulo – SP, 2001., e sobre a solidão, dentre outras obras de Schopenhauer, pode-se dizer que destaca-se SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida.* Editora Martins Fontes. São Paulo-SP, 2002.

Nietzsche, com seu conceito de filósofo, representou o horizonte determinante do que se formaria no século posterior. Nietzsche, acompanhado de Karl Marx, foi uma das maiores influências do que se formaria alguns anos à frente e constituiria a filosofia e as correntes filosóficas do século XX, representando, assim como Kant, um divisor de águas, influenciando assim diretamente grandes pensadores, tais como M. Heidegger (1889 – 1976), W. Benjamin (1892 – 1940), M. Foucault (1926 – 1984), A. Camus (1913 – 1960) e outros.

Nietzsche destrói toda e qualquer possibilidade de apontamento para "o" fundamento. Esforça-se por desconstruir toda e qualquer possibilidade de efetivação ou vigência de uma moral, seja ela normativa ou seja ela prescritiva. Nietzsche faz um contraposto completo a tudo que é aludido por inúmeros grandes pensadores notáveis, tais como Kant, Hegel etc. - A desconstrução da filosofia moral e epistemológica de Kant é inevitável no interior da filosofia amoral de Nietzsche - Nietzsche ignora qualquer limitação ou sistema epistemológico, e mais ainda as consequências de tal sistema, como, por exemplo, alguma possível espécie de imperativo categórico ou qualquer coisa do gênero. Com Nietzsche, o projeto de traçar as condições epistêmicas que determinam a moralidade das ações parece perder o sentido por incorrer, por assim dizer, num erro lógico ou na contradição de se tentar fundamentar o que já é o fundamento para qualquer forma de conhecimento: a moral. O método genealógico é sempre presente em tal perspectiva crítica.

Desta sorte, nota-se que em quase todas as proposições nietzscheanas de relevo, aquilo que enxergamos em sua filosofia como sendo o método genealógico é quase sempre presente: nas suas considerações sobre a cultura[8], as religiões, as morais, os instintos, os sintomas etc. E tal perspectiva genealógica não se exclui do pensamento nietzscheano quando o mesmo tenta compreender e abordar "as filosofias", os sistemas filosóficos etc. E tal perspectiva, em Nietzsche, como vimos, remete não ao "real", a "deus", à "ideia", à "coisa em si", ao "sensível", à "causa sui" etc., mas remete, isto sim, ao filósofo, nesse caso, ao sábio, remete-nos ao homem. Mas neste caso, já que no âmbito da cultura que se encontra o filósofo há uma genealogia e, já que para com a cultura como um todo Nietzsche parece ter também

[8] Ainda reiterando o parto entre filósofo e cultura, fora o que já foi exposto acima, vale lembrar o que Nietzsche diz, noutro momento, sobre a questão da educação do filósofo e sua relação com os supostos educadores da e na cultura nos § 267 e 279 de *O andarilho e sua sombra*: "Não há educadores. – Como pensador, só se deveria falar de educação por si próprio. A educação da juventude por outros é ou um experimento realizado em alguém desconhecido, incognoscível, ou uma nivelação por princípio, para adequar o novo ser, seja qual for, aos hábitos e costumes vigentes: nos dois casos, portanto, algo indigno do pensador, obra de pais e professores, que um desses audazes honestos chamou de nos ennemis naturels [nossos inimigos naturais]. – Um dia, quando há muito tempo estamos educados, segundo a opinião do mundo, descobrimos a nós mesmos: começa então a tarefa do pensador, é tempo de solicitar-lhe ajuda – não como um educador, mas como um auto-educado que tem experiência."

uma abordagem genealógica, parece ser válido questionar: e qual a genealogia do filósofo? Ao que parece, a significação da noção de filósofo em Nietzsche foge ao método genealógico, sendo este um ser que Nietzsche acredita ser somente possível constatar e descrever, por ser ele próprio um desses grandes espíritos, e não, ao contrário de inúmeros outros pontos significativos de sua filosofia, abordar genealogicamente, pois este (o filósofo) a partir dos dias hodiernos de Nietzsche, parece ter passado a subsistir quase que por completo para além da cultura; qual a origem do gênio em Nietzsche? É possível aplicar aqui o método genealógico? Será este o ponto de abandono prévio de tal método: o filósofo?

A resposta para tal questionamento já seria tema para outro trabalho, um outro escrito; talvez mais rigoroso, profundo e declinado que este, por isso não caberá aqui nos esforçarmos por responder tal questão.

A determinação do que se compreende pelo sistema filosófico de cada autor é sempre um espelho relativamente obscuro do que o pensador em questão realmente é. A sua filosofia é o seu modo de ser, pensar e existir no mundo. O *meu* de cada autor é apenas o retrato a ser desvendado sobre o *eu* inerente a cada um deles. A filosofia de Nietzsche representara não somente o ápice da crítica de uma vertente filosófica materialista que acabara de se apresentar com Feuerbach, Darwin e, de certo modo Marx, mas também a inauguração da percepção do real e da filosofia como existência. O sentido de filosofia em Nietzsche alcança uma profundidade nunca antes vista na história da filosofia ocidental, nos rumos do filosofar, a pergunta pelo que é filosofia em Nietzsche coincide com a pergunta sobre o que é o filósofo, e esta, para nosso autor, coincidiria com a pergunta “quem/o que é Nietzsche?”, mas a análise da possibilidade da resposta desta última pergunta, tal como a anterior acerca do método genealógico, já seria tema de um outro trabalho, de um outro escrito, talvez e muito provavelmente bem mais exaustivo que este, por isso, aqui afirmamos que estamos encerrando o presente escrito ser terminá-lo, pois como Nietzsche bem percebera, filosofia tem relação muito mais com matéria explosiva, dinamite, bomba, do que com o bom samaritano que apaga o fogo, aquele que dá respostas e encerra questões ao invés de multiplicá-las.

Referências Bibliográficas

GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche x Kant***.** Editora Casa da Palavra, Casa do Saber 2012. São Paulo – SP.

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto. Resenha: *Da Genealogia da moral de F. W. Nietzsche***.** Consciencia.org 2011

LOPES, Rogério. *Elementos de Retórica em Nietzsche***.** Edições Loyola, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na era trágica dos gregos***.** Edições 70. Brasil.

NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer Educador*. Editora Escala 2008. São Paulo – SP.

NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo***.** Editora Escala 2006. São Paulo – SP.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos***.** Edirora Companhia das Letras, 2006. São Paulo - SP

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo***.** Editora Escala 2006. São Paulo – SP.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral***.** Editora Escala 2009. São Paulo. 3º ed.

NIETZSCHE, W. F. *Sämtlhiche Werke***.** Obra crítica em 15 volumes. G. Colli Mazzino Montinari (org). Munique: DTV/ De Gruyter, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Editora Escala 2009. São Paulo. 2º edição

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Editora Escala 2008. São Paulo. 3º edição.

SCHOPENHAUER, Arthur**.** *Aforismos para a sabedoria de vida.* Editora Martins Fontes. São Paulo-SP, 2002.